



# Gaiato

Quinzenário • 8 de Março de 2014 • Ano LXXI • N.º 1826 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

70 ANOS depois do seu primeiro número, aqui está O GAIATO, igual a si mesmo, jovem como na primeira hora. Os anos que passam, uns após outros, não o acrescentam nem diminuem, ele não quer ser doutro modo.

Pelas mãos de Pai Américo descobriu a sua vocação, e nunca mais quis deixar de ser quem é. Nada do mundo o seduz, encontrando a sua alegria, a verdadeira alegria, em ser, também ele, uma voz que brada no deserto deste mundo, desvelando-lhe as miragens em que se deleita.

«Quero ser pobre», escreveu nele um dos nossos padres há uns anos. Ao dizer de si, dizia também daquele em que escrevia, espírito em que sempre viveu e quer viver. Ser pobre, para que assim enriqueça a muitos. Os nossos Leitores o confirmam por sua própria mão, no interior desta edição aniversária. Pobreza que não o impede de se realizar, antes o realiza plenamente.

Ao que tem um coração de rico, é-lhe impossível amar. Quem não ama, não pode ser feliz e, deste modo, não pode viver.

Uma história que Pai Américo escreveu, sob o pseudónimo de Frei Junípero, ao tempo seminarista em Coimbra, fala do amor com que selou a sua vida, dada aos Pobres e à sua Obra, proclamada n' O GAIATO, qual parábola espelhando este tema.

«Era enfeitado. Tinham-no ido buscar à Roda, não por amor, mas por interesse, e usava ainda ao pescoço, enfiado num cordel, a medalha de chumbo com o número oficial. Os amos a quem servia, uns rendeiros sórdidos e avarentos, haviam-se proposto fazer as terras sem meter gente de fora, "por causa das soldadas altas" e o pequeno enfeitado trabalhava no campo a par deles, durante longas horas, com pesadas ferramentas.

Ainda o dia vinha longe e já o amo lhe atirava dois berros: "que já eram muito horas de sair". O enfeitadinho apresentava-se logo, nas suas calcitas de estopa, descalço, carapuça enfiada na cabeça, procurando em vão ouvir do amo uma palavra meiga ou ver-lhe um ar de graça. À noite, a horas da ceia davam-lhe a tigela do caldo a um canto da lareira, longe da mesa, "e que comesse depressa, que era por esmola".

Tinha mudado tanto o pobrezinho!...

Chegara da Roda uma criança forte, com toda a graça e frescura da sua idade, e agora o excesso de trabalho neutralizara-lhe forças, e o medo do amo tornara-o bisonho e triste!

O rapazio do lugar, ao passar por ele, chamava-lhe: "o sapo concho", o "corcovado", e o enfeitadinho mandava-lhe um olhar de profunda agonia!

Em domingo de Dezembro, ao calor de um sol sem nuvens, o nosso enfeitadinho entretinha-se com uma pequena armadilha de pardais, na horta, quando o amo chega de fora e o intimida a que saia com os bois para o lameiro da Igreja, depois de lhe haver quebrado no corpo o inocente brinquedo. O sino da Igreja tocara momentos antes para a devoção da tarde, e o povo passava junto do lameiro nos seus fatos domingueiros. O enfeitadinho sente desejos de ir também. Prende a soga dos bois a um castanheiro e arrisca um passos até ao adro e, a medo, enfia a cabecita pela porta da Igreja. Os bois, em baixo, ruminam silenciosos. Ele espreita, hesita, entra e dá com os olhitos na figura veneranda do Sr. Cura, que num sorriso de infinita bondade, abraça todos os presentes.

Um sorriso!

Corre para perto dele e ouve que, numa terra muito longe, havia duma vez um homem rico, poderoso, com muitos criados, que amava muito as crianças, e não deixava que as maltratassem, que dava o mel às abelhas, o pão aos pobrezinhos e as asas às rolas.

O enfeitado sai as portas da Igreja com a cabecita cheia de ideias confusas. À noite, em casa, atiram-lhe uma côdea para o lugar do costume "e que amanhã se fariam as contas".

Transido de medo, cheio de fome, sobe ao palheiro aonde dormia e, na escuridão do cubículo, tão negro como a sua vida, vislumbra a cena da Igreja. Recorda o sorriso meigo e doce do Sr. Cura e o homem rico e poderoso que amava tanto as crianças. Num gesto longo de agonia, farto de tanto sofrer, esconde a cara com as mãozitas e cai de bruços sobre o catre, num desejo ardente de ser levado por tal homem...

Na manhã seguinte, quando o amo, irritado, abre a porta para o castigar, encontra, embrulhado nuns farrapos da manta, o cadáver do enfeitado!

No dia do enterro o Sr. Cura volta-se para a gente que o acompanhava e exclama com ar de alegria:

"Accercitus ab angelis".

FREI JUNÍPERO»

Um Milagre, Lume Novo, n.º 1, 8-12-1926.  
in O GAIATO, Ano XV, n.º 359, 14-Dez.-1957. □



## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## Pequenino

NESTA era digital, vai-se dispendo de uma imensidão de novos meios, mais simples e poderosos, com acesso mais generalizado. As redes de comunicação vão transformando as pessoas e as sociedades, aproximando-as, excluindo-as e infiltrando vírus. A Igreja, encarnando as realidades de cada tempo, também desfruta destes caminhos, aproveitando os seus

benefícios, para conhecer melhor a sua identidade e comunicar a misericórdia infinita de Deus. Ciência e fé não devem ser antagónicas.

Diante de imensos rostos com chagas, páginas em sangue de uma humanidade ferida, pela barbárie social, da Palavra jorra sempre uma fonte inesgotável de esperança e de que o Pobre de Nazaré é o Rosto vivo, pois nos enriquece com a Sua pobreza. Já crescido, todos quantos O ouviam, estavam estupefactos com as Suas respostas.

No Caminho do Mestre, como

mastigador das palavras inauditas, o Padre Américo estabeleceu, no seu itinerário fulgurante e combativo da miséria humana, um ponto de mira da folha impressa: *Fazer bem às almas*. Contudo, pedir o livre curso de um jornal próprio e eclesial, não era nada fácil, nesse tempo e dilacerado pela II Guerra Mundial. Ora eis, da sua pena: *Do Terreiro do Paço, mandaram-me aos senhores da censura. Falei à moda dos apaixonados*: — Um jornal que não tenha medo, meu senhor, e que não engane o povo! Ai, que vou ser preso!

Presos estiveram (já lá vão 70 anos!) e estamos a infinitos colaboradores, amigos e colecionadores do simples jornal, caminhando pelas valetas numa burrice pegada, como do contarelo do rapaz e do velho. Depois de botar os primeiros dentes, sem querer, apelidaram-no de *Famoso*. Há-de ser, sim, *pequenino*, como o grão de mostarda e à moda de Jesus infante. Que o tempo previsto, afinal, não é para stress: *até ao fim do mundo...*

Com herança tão rica e o arado a puxar quinzenalmente, é um sonho e um imperativo chegar às consciências de mais gente nova, para vencermos as adversidades, como o discípulo predilecto nos deixou: *Se vos escrevo, jovens, é porque sois fortes*.

Os nossos avós têm sempre muito que nos transmitir, do curso da vida. Dos fiéis Leitores, ora escutem o testemunho vivo de Maria do Céu, com 94 anos: *Tenho por este jornalzinho um amor muito grande. Ainda o Padre Américo era*

Continua na página 4

## MALANJE

Padre Rafael

## Cinquenta anos, oitocentas vidas...

A Casa do Gaiato de Malanje cumpre, este ano, cinco décadas. Durante todos estes anos, recebemos cerca de 800 Rapazes. Desde o Fernando da Rocha Dias, o primeiro a ser registado no *Livro de Entradas*, até ao Milton Domingos Yango, calcula-se que tenhamos recebido 16 Rapazes todos os anos.

Muitos foram os que entraram e saíram. Muitos foram os acontecimentos vividos nesta Aldeia. Tempo para tudo e para todos. Ao longo da sua história uma testemunha, um poeta da vida quotidiana, um arquitecto do humanismo: Padre Telmo. São cinquenta anos acreditando que, neste pequeno bocadinho de África, podia recuperar o desprezado e ignorado da sociedade. São cinquenta anos confiando na força que surge da fragilidade. Uma vida activa, forjada na contemplação... Cada pedaço desta Casa do Gaiato fala do Padre Telmo.

A celebração não podia ser de outro modo... Uma Eucaristia presidida pelo nosso Bispo Emérito, Dom Luís Maria, que foi testemunha em primeira pessoa, dos passos, dos anos, das dificuldades pelas quais a nossa Casa teve de passar. A presença de um grupo de Antigos Gaiatos, vindos de Portugal, que acompanharam Padre Telmo na construção da Aldeia; outros Gaiatos vindos dos diferentes lugares do País, Amigos que nos apoiaram nos momentos mais difíceis e os Gaiatos que ainda vivem na Casa do Gaiato — tudo em ambiente familiar.

Depois, o almoço amenizado pela música, que nesta terra não pode faltar. Uma tarde de convívio, recordações, conversas, abraços — num lugar cheio de encantos — como é nosso lago com suas árvores e bambus.

A Aldeia sempre teve a suas portas abertas, assim o testemu-

nam centenas e centenas de pessoas que, nos momentos mais difíceis, recorreram à Casa do Gaiato. As Aldeias circundantes são, praticamente, de deslocados da guerra, gente do Povo, camponeses que, hoje, encontram nesta Casa um irmão maior, que os ajuda e assiste nas piores circunstâncias.

Quando penso nessas oitocentas vidas, que passaram pela nossa Aldeia, pergunto-me: — Que será de cada um deles? Uns, conseguiram atingir os seus objectivos. Outros, sumiram-se no fracasso. Uns, ainda vivem; outros, já se foram. Resultados positivos e outros negativos. Nós fizemos o melhor que podíamos. Sabemos que os médicos também ficam doentes e precisam ser curados. O nosso maior desejo é que não se esqueçam que esta é a nossa Família... a qual escolhemos e à qual nos devemos.

Continua na página 4

# COLABORAÇÃO

**NOTA DA REDACÇÃO:** O Papa Francisco inicia a sua primeira Exortação Apostólica dizendo que a «alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Aqueles que se deixam salvar por Ele, são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento».

Quem somos nós para nos julgarmos a nós próprios, mas cartas de Leitores aqui transcritas, e outras que aqui também poderiam estar, dizem que somos testemunhas do Evangelho e dizem da alegria que «enche o coração» de quem nos lê.

Estes testemunhos dizem que somos uma presença permanente contra «o grande risco do mundo actual, com a sua múltipla e avassaladora oferta de consumo [que] é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada», para retomar as palavras do Papa Francisco na sua Exortação Apostólica.

É muito grande este risco do mundo actual. Ele está por todo lado e cada vez com mais força, incluindo no dia a dia das nossas Casas do Gaiato e de quem por cá anda. Por isso, o exemplo de Pai Américo e a mensagem que O GAIATO leva até quem o lê, são mais precisos do que nunca, porque nos previnem contra a «tristeza individualista» que impera pelo mundo fora.

Como as tentações para se cair nesta «tristeza individualista» são muito fortes, hoje em dia, também é muito difícil a «missão» de comunicar a alegria do Evangelho, por palavras e por obras. Os ouvidos, mesmo os das crianças de tenra idade, parecem cada vez mais surdos para a mensagem evangélica, e cada vez mais tentados a se alegrarem com outras mensagens. As obras dos seres humanos parecem cada vez mais atraídas pela «idolatria do dinheiro», dum «dinheiro que governa em vez de servir», outra vez a Exortação Apostólica do Papa Francisco.

É por isso que a existência da Obra da Rua, apesar de todas as limitações humanas que certamente tem, mais este Jornal que leva a sua voz por esse mundo fora, são uma missão que temos que prosseguir, sem desfalecimento, de mãos dadas com todos os Leitores e com quem mais procurar colaborar na «transmissão missionária da Igreja» que é responder ao apelo que Deus fez a Jeremias: «Iráis aonde Eu te enviar» (Jr 1, 7).

## DE MÃO EM MÃO

«Estou em falta, pois nunca agradeci terem-me incluído na lista de envio do Jornal O GAIATO. Há pelo menos quatro pessoas que o lêem. Depois de mim, vai para a minha irmã (fez 92 anos), que, de seguida, o dá à empregada, que, por sua vez, o leva à mãe. Entretanto, como traz sempre notícias de Benguela, aproveitei enviar um número a um familiar que lá vive, e tive a grata notícia de que ele conhece a Obra e já lá foi mais do que uma vez.

Assinante 83444»

«Envio cheque, para saldar a minha assinatura d'O GAIATO, que em boa hora, há mais de meio século, continuo a ler e a reler e a passar a outrem, que também o aprecia e, por fim, é deixado na Igreja Matriz, à mercê de outros devotos... É uma forma de passar a mensagem, sempre actual, que o saudoso P. Américo, já santo no coração de milhares que o veneram, nos deixou, inspirado por Deus — razão porque perdurará pela sua simplicidade, amor, pureza, espiritualidade... Se possível, gostaria que me enviassem o filme sobre a Obra da Rua.

Assinante 17478»



«Acabo de ler O GAIATO e considero-o um manual de vida real e compêndio de vida cristã, que nos ensina a viver no amor ao próximo, a libertarmo-nos do nosso egoísmo, a lembrarmo-nos que não estamos sós e que ao nosso lado vive um cristo que nos quer ajudar a crescer — e de que nem me dou conta. Obrigado GAIATO, não é por acaso que existes. Peço ao Senhor que ajude a estar atento e a ter consciência da minha responsabilidade de ser cristão.

Assinante 32969»

«Agradeço muito o envio d'O GAIATO, que traz sempre bons artigos — que enchem os corações dos velhos, como eu, que conto oitenta e oito anos. Somos, por vezes, marginalizados na sociedade, mas ainda encontramos quem nos dê um pouco de apoio e traga até nós testemunhos reais, aonde se sente a miséria, mas também a Caridade dos que se lembram dela.

Assinante 45696»

«Gosto muito do vosso Jornal, só que fico com o coração partido, de tanta miséria que há no mundo, mas é a realidade, é o mundo em que nós vivemos, ainda bem que há a mão de Deus, nas mãos dos Discípulos que Ele vai escolhendo.

Assinante 73368»

«Os anos não passam realmente em vão, eu noto pela dificuldade cada vez maior que tenho em endereçar-lhes algumas palavras.

O vosso e nosso Jornal continua a ser o único que eu leio, e que me ajuda ao ler os vossos problemas e histórias, e continua a dar-me coragem e paz, pelas lutas do nosso dia-a-dia: rezo e peço a Deus para que vos ajude com muita saúde e coragem. Nesta mesma data envio vale... para pagamento da minha assinatura d'O GAIATO.

Assinante 25725»

«Escrevo a presente principalmente para comunicar a mudança de residência. A partir desta data, peço que enviem o Famoso para a direcção que indico.

Há cerca de cinquenta anos, sou assinante d'O GAIATO — o arauto que, com muita simplicidade, apresenta o Evangelho de uma

Assinante 12748»

«Com tanta boca para alimentar e com a crise que está instalada, não deve ser tarefa fácil. Mereceis ser ajudados porque ainda repartis, do que vos dão, pelos mais pobres. Obrigada por isso, por tudo o que fazeis de belo e de bom nesta sociedade tão injusta. Na minha modesta opinião é assim que se proclama o Evangelho de Jesus.

Assinante 12748»

«É com muita alegria que recebo O GAIATO que, graças ao nosso Bom Deus, apesar dos meus 87 anos, ainda leio com muita admiração, pelo Evangelho que contém. (...) Já fui aí, há bastantes anos, mas com esta idade não voltarei e, por isso, ficaria muito feliz, se me mandassem o DVD da Casa do Gaiato (creio que é assim que se chama), será uma maneira de rever essa Obra, que tanto gosto e que tanto admiro.

Assinante 44952»

forma que toca os corações, que emociona, que faz chorar, mas, por vezes, nos leva a rir com a ternura que também transmite, com os Gaiatos nas suas traquinices.

A leitura d'O GAIATO lava-nos a alma e orienta para o bem. Peço a Deus que não desfaleçam, com tantos obstáculos colocados no caminho, para bem de todos os que precisam desse exemplo admirável, que sois vós: Obra do P. Américo, Obra de Deus.

Assinante 10157»

«Com profunda admiração pelo vosso trabalho extraordinário, na recuperação e íntegra formação dos Rapazes, quer no Continente, quer em África, acabo de transferir para a vossa conta: conforme comprovativo incluso. Sei que é muito pouco, para o bem que praticais à vossa volta, mas Deus sempre esteve, e estará, ao vosso lado. (...) Leio sempre O GAIATO, compêndio de amor e entrega ao outro!...

Assinante 25223»

«Estou gosto dos meus 91 anos e o vosso nosso Jornal entrou sempre na minha casa

## COMPANHEIRO DA VIDA

«Desde pequeno que o vosso quinzenário O GAIATO tem feito parte do meu imaginário e da minha vida. Primeiro, era aquele rapaz envolto num quase círculo que aparecia sempre, familiarmente, e as fotografias diferentes de número para número. Depois, passei a saber que era da mesma Obra daquele lago onde eu gostava muito de ir, quando estava em férias em Malanje em casa dos meus avós maternos. Lembrou-me, nomeadamente, dumas férias, quando tinha 4 anos. Que saudades das idas a ver o lago com uma mata frondosa à beira. Um pouco mais à frente, passei a ler e apercebi-me do lema: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. E a nossa Mãe ao lado, ia explicando mais sobre a Obra do P. Américo. Tornou-me um leitor habitual.

A nossa Mãe..., era assinante 14458, desde Fevereiro de 1948, ainda do tempo de solteira. E O GAIATO rondava os seus 5

anos de existência. Há uns anos, com o nascimento do nosso Roque, resolveu passar a sua assinatura para o nome deste neto, mas continuando a receber O GAIATO em sua casa. Esta vossa Leitora, durante 65 anos, infelizmente, faleceu no passado 20 de Maio. Só agora participo, porque não tenho parado nos últimos meses.

Além disso, antes de escrever, queria inteirar-me do valor da assinatura. Só recentemente tive oportunidade. Junto envio cópia do depósito, para pagamento dos seguintes anos: do ano passado, deste de 2013 e, como está à porta, do ano de 2014. De momento não pode ser mais, pois, apesar dos cortes de salário, as responsabilidades não diminuem.

Aproveito para pedir o favor de continuarem a enviar O GAIATO ao nosso filho, mas, agora, para a nossa casa.

Filho da Assinante 14458»

«Devido à enorme crise económica e social em que se vive, só hoje posso enviar este pequeníssimo donativo, para pagamento d'O GAIATO, tão pequenino, mas tão grande em humanidade, generosidade e caridade. Ele vem dar luz a quem o lê, neste mundo envolto em trevas. Obrigada a todos que ajudam a dissipar as trevas, a mitigar a fome, a acolher os desamparados da sorte.

Eu também tenho levado a minha cruz, por vezes bem pesada e nem sempre posso ajudar os mais necessitados.

Assinante 56609»

## TESTEMUNHA DO EVANGELHO

«Os meus respeitosos cumprimentos e toda a minha admiração pelo extraordinário e cada vez mais necessário trabalho que prestais em favor dos Rapazes e suas famílias.

Toda a vossa dedicação à Obra da Rua, só pode ter uma inspiração: o Amor de Deus reflectido no amor ao mais necessitado. Cada vez que leio O GAIATO, são páginas da Bíblia, que estou a ler e a meditar.

A minha estima e o meu grande respeito pelo vosso trabalho; e que inspire mais padres para darem continuidade à Obra do nosso P. Américo.

Assinante 25223»

«Envio cheque, para ajuda da publicação d'O GAIATO, onde eu, ao lê-lo, sinto e medito a Palavra de Deus. Metade, é para o mesmo efeito, mas o Jornal deve ser enviado para uma nova assinante...

Assinante 55593»

## DE PAIS PARA FILHOS

«Envio cheque para a Obra do P. Américo, sendo parte para O GAIATO. Acrescento que meu Pai, já falecido, e minha Mãe, falecida recentemente, já tinham este compromisso. Portanto, agora sou o filho que passa a ser vosso assinante. Agradeço recibo.

Assinante 67335»

«Os anos vão passando, mas sempre tenho no coração a lembrança do carinho pela Obra do P. Américo, que herdei de meus pais. A minha Mãe e a minha Irmã já morreram; os meus filhos vão crescendo — já tenho um neto! Trabalho em medicina e vejo tantas histórias que me permitem 'sentir' de longe a realidade do que contam n'O GAIATO. Por tudo isto, é com o maior apreço e consideração que me dirijo a renovar a assinatura!

Assinante 67449»

# DOS LEITORES

## Obra da Rua

«Quanta beleza nas coisas simples da vida». Também eu encontro muita beleza na Obra da Rua, no bem que o nosso P. Américo nos ensinou na sua vida simples e humilde. Também me tem feito muito bem, o vosso tão desejado O GAIATO, que espero sempre com muita ansiedade... Envio cheque para pagar o ano de 2014, se por acaso há dinheiro que pague o bem que me fazeis.

Assinante 80931»

«... E aqui estou, mais uma vez, a agradecer tanto bem que essa Instituição, inspirada na maravilhosa Doutrina de P. Américo, tem distribuído ao longo de tantos anos e por tantos necessitados, principalmente de Amor.

É pena haver “quem” teime em não reconhecer o valor da vossa Obra, mas tenho fé em que Deus, que tudo vê, tudo ouve, tudo sabe, vos ajudará a continuar na vossa tão bela caminhada.

Assinante 32564»

«Como admiro e temos uma grande estima na continuidade da Obra do P. Américo — Homem com letra grande —, e porque acredito ser uma Instituição exemplar; e por causa desta crise de valores, sei haver muita gente em carência, para fazer face aos seus compromissos — em comum acordo com minha mulher, decidimos fazer esta transfe-

rência, cujo talão envio, para minorar a aflição de alguém que esteja em sofrimento.

Assinante 28500»

«Envio cheque — por favor, dividam com o Calvário —, desculpem ser tão pouco... O GAIATO não tem preço.

É sempre de lágrimas nos olhos que leio O GAIATO. Deus os compense de tanto bem que fazem em favor das crianças e das respectivas famílias. Sou assinante d'O GAIATO, há muitos anos.

Assinante 29347»

«Os meus cumprimentos amigos, de muita admiração e gratidão por tudo quanto realiza a vossa Obra, única neste querido, mas desnordeado Portugal. Envio cheque, com pena de não poder enviar mais. E o destino que entendam dar-lhe, não consigo fazer distinção entre os canais de necessidades a que dais a mão. Peço, simplesmente, que considereis paga a minha assinatura d'O GAIATO para este ano e, se entenderdes que deveis acusar a recepção no Jornal, não declareis o meu nome. Basta, se assim entenderdes, dizer que provém de um padre pobre, que ama e admira a vossa Obra e se sente obrigado a agradecer-vos quanto fazem...

Assinante 19976»

conto-vos uma pequena história: Tenho um neto que, por motivos de trabalho, esteve três meses em Moçambique. E uma das coisas que ele conta, que lhe deu imenso gosto, foi uma visita que fez com um colega à Casa do Gaiato! E veio encantado com tudo, gostou imenso de conhecer o P. José Maria e tudo aquilo que viu por lá. Louvado seja Deus.

Assinante 21286»

«Admiro a Obra desde que, menina ainda, via pelas ruas de Coimbra, os Rapazes que vendiam O GAIATO. Com que prazer lhes comprava o Jornal e metia conversa com o vendedor. Os tempos andaram e o jornal vai para a caixa do correio junto com tanta publicidade!... Mas também com o correio sério a que ele pertence. Daí chamar-vos amigos e ter saudades das conversas de rua, entremeadas com o pregão d'O GAIATO.

Assinante 71933»

«Que Deus vos ajude a ajudar, porque falta muito pão e peixes», pena que não se multipliquem nas mãos certas. Obrigado por tudo e pel'O GAIATO, que me chega a casa como se fosse um amigo, a consolar-me nas horas mais difíceis...

Assinante 28533»

«A orgânica “sui generis” dessa benemérita Obra, faz com que não sejamos avisados, quando a nossa inércia, leva o esquecimento dos compromissos assumidos. (...) Tenho continuado a receber O GAIATO, apesar de nada ter pago nos últimos dois ou três anos. Quero penitenciar-me do erro... Esperando o perdão da minha falta de cuidado, é com o velho amor à linda Obra do P. Américo que me confesso.

Assinante 69831»

«(...) Quero muito continuar a receber O GAIATO, de que tanto gosto. Já agora,

### AMIZADE

### COMUNHÃO

«Envio-vos este cheque para pagar o Jornal e o resto para o que mais precisarem. Sou doente oncológica e tenho passado muito mal, já fui operada quatro vezes e não sei o que me espera. Por isso, peço que rezem por mim, para poder continuar a ler O GAIATO, que muito me alegra. Visto que meu marido também tem problemas de falta de memória, é O GAIATO que me distrai e alegra um pouco. Quando chega — vou logo ler. (...) Desejo que a Obra da Rua nunca morra, que no mundo em que estamos parece que o fazer bem, é um grande problema...

Assinante 45761»

«Sou assinante e leio O GAIATO de ponta a ponta. Sinto tanta tristeza com tudo o que leio: o sofrimento desses nossos irmãos, a vossa angústia por verdes tanta miséria e não poderdes acudir a todos... Mas tenho a certeza que Deus vos ilumina e vos dá força e coragem, para poderdes valer a esses infelizes.

A força das nossas orações será, certamente, a arma para vencer esta guerra tão atormentada.

Peço que nas vossas orações, incluam um filho meu. Apareceu-lhe uma doença má e está a sofrer. Por ele e pela minha família, eu peço o vosso auxílio.

Assinante 41242»

«Que Deus vos dê coragem, para continuarem essa heróica Obra de Amor, legada pelo P. Américo! — Como vos admiro a dedicação e esforço, canseiras, angústias, trabalhos sem descanso possível, para quem dá, de alma e coração.

Atravesso um período difícil financeiro com os dois filhos desempregados e uma netinha — e parcas reformas. Por isso, envio uma minúscula migalhinha, com muito amor e orações. E que, também, nos incluam nas vossas. Esposa do,

Assinante 33147»

«Para a ‘Obra Maior’ em Portugal junto um cheque sobre a minha conta. Uma minha entrega; um pequeno contributo de convivas, em almoço de colegas aposentados; e custo da assinatura d'O GAIATO...

Assinante 5157»

«Há diuturno tempo que não venho ao contacto com a Obra da Rua, marcada com o carisma heróico de P. Américo, que ainda conheci. Permitam-me transmitir a inquietação que me vai na alma, ante a ‘sabotagem’ da Segurança Social e outras entidades consistentes na recusa em entregarem crianças à vossa guarda. É que uma Obra da Rua, detentora de uma pedagogia redentora, sem sujeitos passivos, está condenada a fenecer! E, condenada, porque a pedagogia do P. Américo não é uma teorização nem um mero projecto educativo. Assim, sem crianças para sorverem e assimilarem e vivenciarem essa pedagogia, que poderá vir a restar da Obra do P. Américo? Que estranho silêncio é este, acerca desta momentosa questão? Porquê?

Assinante 22200»

### FORÇA DO ALTO

«Venho renovar a assinatura dum Jornal, que tão bem me faz, levando-me a encarar a vida, que por vezes tão dura é.

Assinante 25083»

«Rogo ao Senhor que continue a dar-vos abundância da Sua graça, que santifica e sustenta e amplia a vossa Obra.

Assinante 27191»

«Queria testemunhar o bem espiritual global que a leitura d'O GAIATO faz, para ajudar não só no espírito de caridade... mas, também, na Fé mais verdadeira e tão necessária no Caminho da nossa vida humana.

Assinante 57276»

«Aprecio muito os vossos textos. Muito claros, muito simples, muito eficazes. Não falta quem escreva mais, quem saiba mais!... Mas falta quem faça melhor. É pena!...

Assinante 60563»

«Meu Deus, ajuda-nos nesta crise; é o que eu peço de todo o coração. Isto está mau, mas enquanto eu tiver um bocadinho, podem ter a certeza de que me lembro de vós...

Assinante 36503»

«Aqui vai uma pequena lembrança para a vossa Obra!... Obrigada pel'O GAIATO, que é, sempre, uma bênção do Céu.

Assinante 80463»

### LEGENDAS

«A vossa Obra é um espanto para mim!

Assinante 32239»

«P. Américo continua a ser o farol da minha vida.

Assinante 30216»

«Uma Obra ímpar no País...

Assinante 6313»

«Obrigada por existirem.

Assinante 32670»

«O GAIATO é uma luz de esperança.

Assinante 37217»

«O vosso Jornal é uma bênção.

Assinante 16297»

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Janeiro, 28.600 exemplares

### CAUSA DE BEATIFICAÇÃO

«Pela leitura d'O GAIATO, que leio e medito sempre, vou estando a par; também leio nas entrelinhas e isso desgosta-me muito. Que bom seria que a Escola e a Família educassem segundo a pedagogia do P. Américo. Que necessário era nos dias de hoje, e sempre. E os entraves que se levantam... Envio uma importância para a Causa de Beatificação do P. Américo e outro tanto para O GAIATO, que continua a ser um púlpito.

Assinante 33205»

«Convosco e sempre, lembrando que gostaria muito de ter o nosso querido P. Américo, já reconhecido santo. Se há muito, esta Maria do Sul, já velhinha de 82 anos, não vos esquece como amiga e admiradora da Obra. Na verdade, considero-a uma das grandes e grande meio de evangelização, que procuro dar a conhecer.

Assinante 21374»

«Conforme combinado, incluso remeto o cartão, que tinha em meu poder e só agora encontrei, junto com outros papéis.

É, na verdade, uma “reliquia” do nosso querido e saudoso P. Américo e que deve ser guardado na Casa do Gaiato.

O nosso bom Deus vai continuar a ajudar todos os que trabalham nessa Obra de Rapazes — e já têm santos no Céu a interceder pelos que continuam o trabalho nesta terra que habitamos.

O Pai do Céu me ajude para eu poder continuar a mandar as migalhinhas.

Assinante 80260»

«(...) Os nossos Padres precisam conhecer a Obra da Rua. Para tal, não desistam de lhes pôr problemas diante dos olhos. Peçam a ajuda deles... É bom que os Padres vão à Casa do Gaiato, que saibam como seguir-lhes o exemplo, que vejam de forma palpável como é admirável a fraternidade espiritual.

(...) A vossa voz precisa ser ouvida pelos assinantes do Jornal da Diocese. Nunca é demais. S. Paulo dizia ‘preguei oportuna e inoportunamente’.

(...) O P. Américo já devia estar nos altares, mas isso diz respeito à Igreja Instituição, a eles cabe a responsabilidade. Mas o P. Américo já está consagrado no coração daqueles que o conhecem e conheceram. A Obra da Rua é um milagre permanente desse Homem Grande, que se fez pequeno e pobre, como Jesus da Galileia que arrastou, atrás de si, tanta gente — mas que morreu na Cruz, porque o mundo O não conheceu. Foi nela que o Filho de Deus reinou e que deixou os algozes sem palavras.

Verti aqui a minha alma, é que eu amo a Igreja serve e pobre.

Quero enviar o meu cheque de renúncia quaresmal, que só lamento ser de pequena quantia, mas tenho 84 anos e sou aposentada...

Assinante 56677»

### PAI AMÉRICO

«Há 70 anos conheci, em Coimbra, o P. Américo. Que sorte e que honra. É ele que me ajuda a não perder a fé e ajudar a viver.

Assinante 3683»

«Este pequeno jornalinho faz parte da minha vida pelos bons ensinamentos, pois a sua leitura é muito enriquecedora... P. Américo deixou a cada um de nós uma rica história de vida.

Assinante 76198»

## PATRIMÓNIO DOS POBRES Padre Acílio

ENCONTREI-A num grande estacionamento, pago, da Cidade.

— *Então, que andas a fazer por aqui?*

— *A ver se arranjo alguma coisinha para dar de comer aos meus filhos. Então, prometeu-me e nunca mais foi à minha casa!*

Era uma cara arrepiada, cheia de manchas negras, aureolada por umas olheiras grandes e fundas.

Arrepiei-me com a sua queixa-acusação e, no momento, vi os cinco filhos com a irmã, deficiente, carregada de leucemia. Mais me envergonhei quando me atirou à cara, pela porta aberta do carro, o gemido magoado: — *Olhe que não tenho fogão para fazer comidinha aos meus meninos, que dormem no chão.*

É verdade, disse-me imediatamente o coração, ao fitar aquele rosto marcado pelo sofrimento, pelas carências e incapacidades. Há dois anos que lhe prometi uma visita e um fogão e nunca mais me lembrei, atrapalhado, diariamente, pelas sucessivas aflições.

Trazia, comigo, um saco de magníficas laranjas do nosso pomar, que me havia sobrado das encomendas feitas pelos

doentes e terapeutas do meu ginásio na Misericórdia de Setúbal.

— *Tome lá umas laranjinhas das nossas, que são uma delícia!* — Atalhei, não só para a consolar, mas, mais ainda, para emudecer a minha consciência ensanguentada.

— *Um fogão, para a comidinha dos meus filhos.* — Ficou gravado nos meus ouvidos. Já dei dezenas e dezenas de fogões a tantas famílias: novos, recuperados, de várias capacidades, mas, agora, não tenho nenhum.

Uma Leitora, de Lisboa, fez oitenta anos e organizou uma festa, para se alegrar com os amigos, recomendando que não lhe comprassem prendas, mas dessem o dinheiro delas ao *Património dos Pobres*.

No telefonema, em que me refere o acontecimento, informa que pôs a quantia recolhida no NIB do *Património* e diz-me, também, ter mobílias do sogro, arrecadadas há anos, e que o seu marido as mandaria transportar para aqui.

Não calcula quanto me aliviou a decisão do casal: trazer a esta Casa a mobília arrecadada, para eu dar aos Pobres, sem que eu tenha de a transportar! Graças a Deus que ainda vem a tempo de redimir esta falta!

Quantos móveis se deterioram ou apodrecem mesmo, recolhidos em sótãos, garagens ou, até, varandas, anos e anos a fio! Quantos electrodomésticos se estragam e se esquecem da

mesma maneira, porque se avariaram ou, ainda, por ser conveniente substituí-los? Quantos vão para o lixo da Câmara ou ferro-velho? Um pequeno conserto, uma peça que se substitui, recupera uma preciosidade para os Pobres.

Os Assinantes d'O GAIATO são sensíveis a estes pecaminosos desperdícios e não os cometem, mas ele há tanta gente alheia! Como seria bom para todos uma palavra inquietante.

Com a colaboração deles comprei, para os meus Rapazes, agora, mais três apartamentos deteriorados, que iremos recuperar, como tenho feito há anos, aproveitando a incerta baixa de preços das casas.

Os Rapazes renovam as canalizações, as casas de banho, a cozinha, bem como pintam as paredes, consertam as portas, dando-lhes dignidade, beleza e consistência.

Pois, não tenho nada para lhes pôr dentro!

Continuo a visitar famílias que nem uma mesa e cadeiras têm, para se sentarem a comer juntos uma refeição. Já não falo de um móvel de sala, um roupeiro ou um sofá, os quais também ajudariam a criar ambiente, dar alegria e atrair para dentro de casa os membros de cada lar, arrancando-os aos ambientes destruidores da dignidade humana ou da perversidade da rua.

Que a minha sincera contrição se comunique! Com ela vai, também, uma acha para aquecer o mundo! □

## BENGUELA

Padre Manuel António

É uma verdade comum. A injustiça, a pobreza extrema e a miséria pesam sobre milhões de pessoas, em nossos dias. Queremos fazer tudo o que pudermos, nesta nossa querida Angola, para ajudar os mais necessitados. Não buscamos outras armas senão a força da verdade e a justiça do amor. Vamos caminhar de mãos dadas. Quem dera o coração de todos os que nos acompanham seja audaz e valente. Deste modo, a nossa vida será uma expressão válida dum amor autêntico ao próximo. O silêncio, o egoísmo e a indiferença fazem-nos cúmplices desta desgraça. Vamos partilhar, cada um na medida do possível, o que temos e somos.

Está ainda muito viva a lembrança da Festa da celebração dos

50 anos do nascimento da nossa Casa do Gaiato de Benguela. A gratidão das centenas de filhos e netos desta querida Mãe manifesta-se na alegria dos encontros comigo, que acontecem, ao longo dos dias. Os filhos que vieram de Portugal para comemorar esta data deixaram, entre nós, uma lembrança muito querida. Dentro de dias, mais 7 filhos abandonados vão nascer nesta Família. É um momento de felicidade tão grande que cobre a desgraça a que foram votados pelo abandono. O que importa, agora, é o seu futuro. Receberão todo o amor possível para ajudá-los a ser homens com a dignidade do cidadão normal. É uma autêntica maravilha, fruto do vosso amor, em comunhão com o nosso coração. A

lembrança destes factos anima, por certo, a vossa generosidade que não pode esmorecer. Assim esperamos. Recebi, há dias, uma proposta de ajuda financeira, muito incerta, que trouxe alguma esperança. Que o Pai do Céu permita não seja um fracasso. Continuamos a viver das esmolas, verdadeiros tesouros, que fazeis chegar às nossas mãos. A mãe Obra da Rua, em Portugal, é a fonte da água viva que mata a sede da nossa existência, em momentos muito aflitivos. Não fecheis nunca os vossos corações. São autênticos canais por onde circula a vida salvadora para estes filhos. Recebemos a ajuda dos Amigos de Benguela, através de José A. Mourinho. Quem dera se cumprira, com muita alegria, o propósito de

compromisso assumido na última visita, efectuada em Maio do ano passado. Agradecemos, com votos de melhoras da saúde. Esperamos com muita confiança.

A actividade escolar começou no novo ano lectivo. A escola constitui um dos centros da nossa vida. O que o refeitório é para o estômago a escola é para a inteligência. É o homem, nas suas dimensões essenciais, que está em causa. Por isso, um dos focos consumidores das nossas energias é a actividade escolar destes nossos filhos. Muitos outros, residentes nos bairros próximos, aproveitam este bem essencial para as suas vidas presentes e futuras. No sábado passado, houve a reunião da escola com os pais e encarregados de educação. É sempre uma actividade de alto valor, no que se refere à educação dos filhos. A família, mesmo onde existe organizada, necessita da colaboração da escola na tarefa educadora dos filhos. A

escola não poderá colher os frutos das plantas que são as crianças, sem a colaboração da família. Daí que escola e família trabalhem de mãos dadas e corações comprometidos. A educação é, sem dúvida, uma obra de amor. Por isso, os professores viverão, com verdade, a sua missão, na medida em que tiverem corações de pais e mães, cheios de amor. É o ideal que constitui sempre um ponto de referência orientador da vida.

Graças ao carinho das Universidades *Jean Piaget* e *Lusiada*, mais dois filhos da nossa Casa do Gaiato vão fazer seus estudos universitários como bolseiros. Todos os anos reservam uma bolsa de estudos, como prémio do muito bom aproveitamento escolar. É uma prenda dos 50 anos de vida desta Mãe muito querida! Para todos vós um beijinho dos filhos mais pequeninos que estão a aumentar cada vez mais. □

## VINDE VER!

Padre Quim

## Luz e sombra

A paz é um recurso necessário, condição indispensável para a vida familiar. Perdê-la, supõe contrariar os princípios fundamentais da boa convivência social. Em nossa Casa ou fora dela, a verdade permanece imutável. Ora, sucedeu que se infiltrou no seio da família, enquanto rezávamos o Terço, um rapaz que tinha sido da nossa Casa, com ele, o álcool e, a seguir, o disparate. A paz tremeu, de susto. O mal foi-lhe posto à disposição pelas ruas onde vagueava errante. Já vai nos seus 21 anos de idade, o futuro é uma incerteza de realização para ele. É urgente recuperá-lo, quanto antes, para que não aumente o número dos que sofrem nas cadeias. É a vez das instituições competentes do Estado. O resultado final só é notável no fim da colheita. E tem sido muito diversificado, embora não diminuam as forças e o amor. O País prepara-se para a realização do censo populacional, mais do que saber quantos somos, é urgente e saudável saber como vivem ou sobrevivem os pobres desta terra. Que futuro dar hoje a construir nas mãos da juventude?! Droga e delinquência delimitam o círculo. O emprego seria a solução, mas este é uma miragem. Ou porque não

estão preparados para os assumir e os deixam escapar ou por falta de oportunidades. Uma e outra consomem os momentos sagrados de aflicção. Sagrado porque o nosso Bom Deus não nos deixa abandonados. Não há nada pior do que perder a paz. Sobretudo quando sabemos do esforço que é necessário para voltar a instaurá-la. A privação dos bens de primeira necessidade, refletem a distância que existe entre a paz dos discursos aplaudidos e a paz real. Nos primeiros dias de aula fugiu de Casa o Emmanuel, o «Cabeção», os companheiros souberam primeiro do que eu onde ele se tinha refugiado. «Foi para a casa da avó», disse-me um deles que o tinha acompanhado até ao portão. O chefe tinha informação de que ele e outros pequenos andavam à pedrada contra um enxame de abelhas, que se instalara numa das árvores da Aldeia. Não fugiu das abelhas nem das aulas, agora na quinta-classe, mas, sim, do chefe que o quis castigar e corrigir o seu mau proceder. Teve medo o rapaz. O medo é ladrão que arromba o mundo da paz e da tranquilidade. Ele semeia a desconfiança. O chefe é um amigo, um irmão mais velho que o quer ajudar a crescer. Quando tiver maturidade há-de compreender.

Os rapazes preparam-se para

eleger o novo chefe-maioral, o sistema é democrático, no sentido verdadeiro da palavra. Como dizia alguém, que a «*democracia é o pior dos sistemas, mas não existe outro melhor*». O chefe é o primeiro responsável, por ser o servo de todos. Dele depende a dinamização da vida da Comunidade, se for uma lâmpada acesa com o seu exemplo e responsabilidade no seu dever. Se for lâmpada apagada, andará toda Comunidade às apalpadelas. Que seja uma luz fluorescente para o bem da Família.

«*Deus, ao criar todos os homens à Sua imagem e semelhança, ao destiná-los ao mesmo fim, queria que os homens constituíssem uma só família e se tratassem uns aos outros como irmãos*». A distorção deste princípio nasce, quando o coração se deixa dominar pelo apego aos bens materiais. Ele é insaciável, pois quanto mais tem, mais quer. A lógica do mundo tem a marca da luta pela sobrevivência, de um lado e do outro a luta pelo ter. «*Vale mais o ser do que o ter*», eis uma espada de dois gumes: loucura e sabedoria. A preocupação pela causa social, a favor dos mais necessitados, é ainda na nossa sociedade, um caminho que tem marcha lenta, para chegar à meta. Corramos juntos, para levantar os que andam caídos nas bermas das ruas. □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

*vivo, várias vezes veio à casa dos meus pais, pois foi colega [do 4.º ano de Teologia, em 1929-30] do meu irmão [António Gomes] que também era Padre. Eu era a irmã mais nova e tenho um missal que o Padre Américo me deu, de uma vez que arranjei azeite.*

O mundo estava, então, à míngua; e continuam tantas fomes. Mais de oitenta anos depois, porém e graças a Deus que a safra foi pródiga, entre nós, tendo sido esmagadas num lagar abojadas de frutos de vetustas oliveiras, também com o suor de rapazitos, oriundos de vendavais e enxurradas.

Dos erros de gramática, não estamos mesmo imunes, pelo desacordo ortográfico e osmoses linguísticas. Isto é tão verdade como o desacerto do linguajar da garotada, cuja fatia vem chegando ao Tejo. E deixamos mesmo a léguas do latim, que alguns *iluminados* querem lançar fora com a água do banho.

Uma vez que as bolas e as botas se rompem a dizer chega, nas diatribes da clubite, às vezes lançam para o ar: — *O Benfica é o bué da*

*mais grande!* Como alguns querem encher a taleiga, atiram-nos aos tímpanos: — *O calça é apertado.* E o mais pequenote, aflitinho, balbucia: — *Zanaré!* De fora o resto, tão somente: — *O gajo tasse a rir de mim.*

Assim e sempre *pequenino*, de uma Nascente bem forte, como neste Inverno tempestuoso. Na alegria do Evangelho e para ser uma palavra nova, do tesouro da Palavra! □

## MALANJE Padre Rafael

Continuação da página 1

Quero despedir-me, agradecendo a todos quantos tornam possível que esta Aldeia continue com suas portas abertas. Também a todos os padres da rua, nossos irmãos, sempre presentes na nossa vigília. Rezar por todos aqueles que já não estão connosco, como o Fernando Dias, braço direito do Padre Telmo, pelo pequenino Milton, que faleceu, com dois anos, no mesmo dia desta celebração. □